

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa (Org.)

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (Org.)

Lilian Barros Gomes (Org.)

**Vivências da Residência Pedagógica - Português
- 2018-2020**

Brasília

UnB – Departamento de Teoria Literária e Literaturas

V857 Vivências da residência pedagógica [recurso eletrônico] : português : 2018-2020 / Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães, Lilian Barros Gomes (Org.). - Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2022.
82 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-89350-06-4.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino (Estágio).
2. Literatura - Estudo e ensino (Estágio).
3. Professores - Formação. I. Barbosa, Adriana de Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Guimarães, Carla Cristina Campos Brasil (org.). III. Gomes, Lilian Barros (org.).

CDU 378:82

Licença de uso da obra

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (BY-NC-ND)

Revisão gramatical e ortográfica:

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes

Autores

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Davi Ramos da Silva

Caroline Iltchenco Zanetti

Ian Lezan Salvador

Cássia Almeida Dourado

Jussara Silva Meireles

Matheus Bacelar dos Santos

Normalização

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães

Graziela Barros Gomes

Lilian Barros Gomes

Design gráfico, diagramação e capa

Obra organizada por: Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Sumário

Prefácio.....	5
----------------------	----------

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Para além do ensino de língua portuguesa: sobre algumas vivências na residência pedagógica.....	9
--	----------

Caroline Iltchenco Zanetti

Formação docente, concepções pedagógicas e políticas: perspectiva do programa de residência pedagógica de língua portuguesa.....	20
---	-----------

Ian Lezan Salvador

Revivência: uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem.....	35
--	-----------

Matheus Bacelar dos Santos

Diário de bordo: um relato de experiência	44
--	-----------

Cássia Almeida Dourado

Observação e vivência: uma retrospectiva intimista da residência pedagógica	56
--	-----------

Jussara Silva Meireles

Iniciação à trilha que é tornar-se professora	64
--	-----------

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Relato sobre o programa de residência pedagógica: os desafios para se promover uma educação inclusiva e de qualidade	71
---	-----------

Davi Ramos da Silva

Revivência: uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem

Matheus Bacelar dos Santos⁵

A residência foi uma revivência. Foi reviver uma experiência, reconhecer percalços, conhecer novas perspectivas e realidades e, principalmente, aprender diante das diferentes realidades. Minha trajetória na residência se deu em três espaços diferentes, que divido para explicitá-los da melhor forma possível: 1 – Centro Educacional GISNO; 2 – Centro de Ensino Médio Paulo Freire; 3- Centro de Ensino Fundamental 07 Asa Norte. Já antecipo que cada espaço carregou uma experiência e abordagem diferente.

Gisno

A iniciar pelo Gisno, com o preceptor Ricardo, o medo inicial era comum entre todas (os) residentes. “Como será lá na escola?”, “Quais dinâmicas poderemos fazer?”, “Quantos ônibus pegaremos para chegar?”, “Como irão nos receber?”. Ainda que, em primeiro momento, estávamos apenas observando e acompanhando o funcionamento da escola, coordenação e ensino das (os) alunas (os), havia uma preocupação prévia em como trabalharíamos os conteúdos.

Ao observar as aulas, notamos⁶ que aquela escola estava repleta de realidades duras. Isso era notável principalmente ao conhecermos os contextos sociais vividos por parte das (os) estudantes. A escola era vista pela sociedade de forma marginalizada, de maneira que era comum ouvirmos comentários como “Aquela escola é problema”, “Alunos de lá dão

⁵ Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – pela Universidade de Brasília-UnB; e-mail: matheus.bacelar1@gmail.com;

⁶ Em momentos, utilizo a primeira do plural porque a residência tinha essa característica excepcional de podermos compartilhar nossas interlocuções e trocar experiências.

problema”, “Alunos muito desinteressados, querem nada com a vida”. Seria verdade ou um estigma criado e reforçado por algumas atitudes?

Não poderia falar que não havia alunos desinteressados – mas todas as escolas têm -, não poderia dizer que sempre era fácil porque nem sempre será fácil – em todos os lugares. O que o GISNO tinha de diferente era a realidade pessoal de cada um (a). Alunas (os) de 1º ano que moravam no entorno, acordavam 05h00min para chegar às 07h30min, almoçavam na escola porque 13h30min teriam que estar no estágio, chegavam em casa 20h00min, faziam exercícios e iam dormir porque começariam novamente no próximo dia. Se esse aluno que acorda 05h00min dorme em aula, vivendo essa realidade, também seria desinteresse? Conhecer a história dessas pessoas nos trouxe uma nova perspectiva a respeito do ensino. Não acredito ser desinteresse, mas sim um problema cíclico e social em que essas (es) alunas(os) estão inseridas. Tínhamos alunas (os) com familiares em situação de privação de liberdade, outras (os) que parte da refeição era dependente e proveniente do cedido pela escola e alguns (mas) que dependiam dos estágios para sobreviver.

Diante desse cenário, notando que muitas (os) estavam desmotivadas (os), dividimos as aplicações das aulas para duplas de residentes trabalharem alguns aspectos que pudessem motivá-las (os), de forma que houvesse uma maior intenção de inscrição nos vestibulares e no Programa de Avaliação Seriada (PAS). Com isso, tive o prazer de construir metodologias, discutir formas e saídas, compartilhar histórias e lecionar com uma amiga e companheira de residência – Ana Paula. A 1º do plural neste texto apresenta-se principalmente por ela, porque este relatório, a (re)vivência e as minhas experiências deram-se pelos nossos planejamentos e aplicações docentes.

Conduzi algumas atividades, mas me ateei a algumas específicas que mais se destacaram. Além das conversas importantes e abertas que tínhamos em relação ao que a UnB oferecia, tentamos levar formas lúdicas de aprender conceitos importantes, como na aula de “Polissemia e Ambiguidade”. Pedimos aos alunos que criassem *memes* ou propagandas publicitárias utilizando-se desses fenômenos linguísticos. Produziram em sala ótimos conteúdos em cartolina e depois digitalizei, rastreei e montei a arte em programas de edição, o

que a tornou virtual e facilmente “enviável” para colegas e grupos. Apresento abaixo as quatro produções feitas pelos grupos de uma turma.

Figura 1 – Polissemia/Ambiguidade - Homer



Fonte: Alunas(os) do GISNO

Imagem 2 – Polissemia/Ambiguidade – Rave



Fonte: Alunas(os) do GISNO

Imagem 3 – Polissemia/Ambiguidade – Publicidade de roupa



Fonte: Alunas(os) do GISNO

Imagem 4 – Polissemia/Ambiguidade – Publicidade jogo de cartas



Fonte: Alunas(os) do GISNO

Vendo a defasagem que muitos possuíam, resolvemos construir uma oficina de gramática – Gramaticando – para ajudá-los com essas demandas. O intuito era levar jogos e formas mais lúdicas de ensino sobre a sintaxe, semântica e léxico da língua, para que, por meio deste, todas (os) conseguissem escrever de forma mais coesa e coerente. A ideia partiu após a correção das redações das (os) alunas (os) do GISNO. A oficina era oferecida em turno contrário para àquelas (es) interessadas (os), com inscrição feita na secretaria da escola. Tivemos um suporte de materiais e ambiente para aplicação das oficinas, mas infelizmente não teve boa adesão e fizemos 4 encontros sem alunas (os), conseqüentemente a isso a oficina foi encerrada.

Nossas atividades no GISNO, depois de quase 1 ano de acompanhamento, foram encerradas. Com isso, trocamos de preceptor, de escola e metodologia. Faltando pouco mais de um semestre para o término da residência, fomos conduzidos para a supervisão da professora Lilene, nos dividimos e pude lecionar em duas escolas: Paulo Freire e CEF 07 Asa Norte.

Centro de ensino médio Paulo Freire

Como havia supramencionado, não há experiência repetida, portanto tudo aconteceu de forma diferente no Paulo Freire. Mesmo com um período menor na escola, a quantidade de atividades produzidas foi em alta escala.

Era comum sermos recebidos com músicas ao vivo, músicas essas que estavam na matriz de vestibulares. Os comentários sobre o Paulo Freire já eram opostos aos do GISNO, mas a realidade social também. Muitos alunos moravam em áreas mais próximas, recebiam incentivo familiar, não tinham demandas maiores pós-turno escolar e tinham programas realizados pela própria escola para complementação pedagógica de algumas atividades.

Aplicamos também a aula de Polissemia e Ambiguidade, entretanto as (os) alunas (os) estavam passando por um concurso de redação, portanto não realizamos as mesmas dinâmicas da escola anterior. Dito isso, em contrapartida, ajudamos na aplicação e correção de redações de um projeto realizado por uma professora – Lucimar - da escola. O projeto “Linguagens do ser” funcionava através de um laboratório em espaço físico dentro do Paulo Freire, onde aconteciam algumas oficinas e acompanhamento de escrita.

A partir deste, um concurso foi criado para premiar as melhores redações produzidas, o que motivou e mobilizou toda a escola. Para tentar envolver ainda mais os alunos, produzi um modelo de avaliação em que a nota era dada de acordo com um meme específico da *Gretchen* ou de *Mean Girls* – quanto maior a nota, mais feliz era o meme.

As turmas sempre participavam muito e acompanhavam o conteúdo. Éramos professores, conselheiros e ouvintes, o que deixava a interação muito dinâmica. Sempre buscamos – eu e minha dupla – levar ferramentas que auxiliavam a participação, como a aula de literatura a respeito de Clarice Lispector. Após a leitura e análise do texto, montamos um *Quiz*: “*Quem disse isso? Belo ou Clarice Lispector?*”. Dividimos a turma em grupos e demos plaquinhas para votarem em quem achavam que a frase pertencia. Isso sempre os motivava a continuar acompanhando o conteúdo.

Dar *tchau* nunca é uma tarefa fácil. Ver o quanto cada aluna (o) cresceu, aprendeu, conheceu e se dedicou é uma sensação inenarrável. É viver uma experiência, reviver outra, reviver mais uma vez e assim sucessivamente. Não é fácil e, como esperado, não foi. Uma confraternização não foi suficiente para desvencilharmos dessas histórias e experiências, mas saímos com a sensação de “missão cumprida”. Ao escrever esse relato, continua não sendo fácil, principalmente ao lembrar de todo contato realizado, da quantidade de pessoas que

conseguiam ir à escola, da possibilidade de interação, porque no momento de escrita deste texto vivemos em um cenário completamente diferente do partilhado em 2019. Essas interações foram perdidas com a pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), mais conhecido como a COVID-19.

A vivência no Paulo Freire acontecia no turno matutino, já no turno contrário, no mesmo dia, acompanhávamos os alunos mais novos do Ensino Fundamental. Conhecer e passar por esses três campos distintos (GISNO, Paulo Freire e CEF07) corroborou com um amadurecimento e aprendizagem a respeito do ensino, da docência e da aprendizagem.

Centro de ensino fundamental 07 da Asa Norte

Ledo engano pensar que seria *mamão com açúcar* dar aula para os quase adolescentes, maior ainda o engano em pensar que esses teriam problemas pequenos. Totalmente o contrário. Mesmo com toda energia e felicidade, conhecemos crianças que lidaram com a perda de familiares, automutilação e familiares em privação de liberdade.

“Ô, tio. Posso ir beber água?”, “Eu não entendi, tio”, “Matheus, você joga free fire?”. Em questão de horas passava de professor para “tio”. Você que está lendo este texto e procurando saber como é a experiência em trabalhar com crianças, meu único conselho é: vá preparada (o) e de coração aberto. Uma hora de aula equivale a quase trinta minutos de *crossfit*. Qualquer “a” pode virar piada, qualquer voz é facilmente esgotada, mas qualquer pessoa sai fascinada com a capacidade e história daquelas (es) alunas (os).

A primeira aula foi sobre “Substantivos” e, se não bastasse uma aula com o calor de setembro, após o recreio, sob o sol de 15h00min, nos foi avisado no início da aula que tínhamos um aluno estrangeiro que só falava em inglês. “Simple noun” e “Compound noun”⁷, era com o tradutor que tentávamos traduzir os conteúdos para o aluno, mas esses eram fáceis, agora como explicar Substantivo Derivado (“derivative noun”) no português, sem um estudo prévio, para

⁷ Esses eram os termos literais das traduções que fizemos durante a aula.

alguém que não entendia o Português? Vimos que professor aprende a se adaptar como pode, até diante dessas situações surpresa.

Superando as adversidades, recebemos o desafio de ajudar uma turma na confecção do Café Cultural. Dividimos a sala em grupos e cada dupla de residente liderou um aspecto do tema – Influência da Itália no Brasil. Tivemos danças oriundas de movimentos italianos, história relacionada, cultura e influência culinária. Essa última foi trabalhada por mim e pela minha amiga, também residente, Ana Paula. Fizemos reuniões, juntamos dinheiro, montamos uma tenda, compramos pizza, fizemos palitinhos de queijo e tomate, decoramos toda a sala para ajudá-los com a pontuação. O resultado chegou: nota máxima. Não veio sozinho, estava acompanhado da emoção dos pais que viam seus filhos, da felicidade dos alunos com o trabalho e de “Sejam bem-vindos a *La Cucina Brataliana*” (balançando a mão) – um jeito muito italiano incorporado pelas (os) estudantes.

A dificuldade retoma, o problema da despedida mais uma vez. Resolvemos fazer brincadeiras com elas (es) para terminarmos de uma melhor forma. Nos colocaram para fazer a dança das cadeiras e, mesmo com elas (es) parando a música de forma que facilitasse para eu ganhar, não percebi que a música parou e perdi a brincadeira nesse último contato. Nunca comi tanto em um dia, afinal eram três turmas no mesmo dia.

Uma reunião final entre os residentes e a preceptora marcou o fim desta caminhada de três semestres de aprendizado e ensino. Nos restou agradecer por tudo que aprendemos, pelo que partilhamos, pelo que vivemos e conhecemos. Houve uma revivência porque foram suscetíveis experiências que se diferiam apenas da observação, era muito mais que isso. A prática pedagógica me revivenciou, de forma que o meu olhar a respeito da educação tenha se tornado mais próximo da realidade vivida em contexto escolar, ultrapassando o ensino teórico aprendido na Universidade. Agora não temos mais só a teoria, mas conhecemos também a aplicabilidade da prática.

Para finalizar, trago uma citação de Paulo Freire, que mesmo tendo a escrito em 1967, ainda se mostra pertinente e atual. Uma educação para a responsabilidade social e política pode ser uma ferramenta muito poderosa de conscientização, incentivo e libertação.

“Necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política.”
(1967, p. 88).

Referências

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra: 1967. Acesso em 11 de agosto de 2021. Disponível em:
http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf